



Todos os direitos reservados para  
Raimundo Pereira Cunha – 2004

Edição do Autor – Brasília/DF, 2018

Revisão: Marcelo Larroyed

**RAY CUNHA**

**A CASA AMARELA**



**Para João Raimundo Cunha,  
meu pai.**



## **Primeira Parte**



O trapiche Eliezer Levy, defronte ao Macapá Hotel, avançava no rio Amazonas, como o calçadão de uma avenida. As embarcações de passageiros ou de carga que atracavam e partiam vinham geralmente de Belém, do Marajó e do Baixo-Amazonas. Dia e noite passageiros chegavam e partiam, famílias aguardavam entes queridos ou se despediam de parentes, grupinhos passeavam, casais se agarravam e pessoas solitárias se sentavam ou se encostavam ao parapeito e ficavam ali, olhando para os outros e perdendo o olhar no rio imenso. Durante o dia o sol queimava a pele das pessoas e as cabeças dos moleques fediam a matéria orgânica em combustão, mas no fim da tarde soprava uma brisa que refrescava a cidade e no começo da noite o vento vergava os caules dos açazeiros e agitava os galhos das mangueiras, encapelando o estuário do maior rio do mundo. A maré estava subindo e as embarcações dançavam como se fossem soçobrar, mas, bem amarradas ao trapiche, eram mantidas prisioneiras, lembrando cavalos selvagens recém-capturados. A água surrava a muralha da Fortaleza de São José de Macapá, entrava por um canal e ia até as masmorras, onde os presos do Golpe Militar de 1964 conversavam.

– Aqui está, companheiro – disse o poeta Isnard Isnard, passando um comprimido de Anador e um pouco d’água ao velho francês.

– Como foi isso, irmão? – perguntou-lhe Fernando Padeiro.

Todos conheciam Paul Lerouge em Macapá. Alguns diziam que ele matara um homem na França e se refugiara naquele fim de mundo. Outros comentavam que desertara da Legião Estrangeira. Havia quem jurasse que se tratava de um traficante. O fato é que os militares estavam convencidos de que Paul Lerouge seria agente de Fidel Castro, e tinham prova disso. Paul Lerouge era astrônomo amador e isso foi sua perdição. Assim que o Golpe Militar de 64 chegou a Macapá, a inteligência do Exército prendeu imediatamente todos os subversivos da cidade. O que era ser subversivo? O máximo de explicação que davam era um tabefe na cara. Paul Lerouge lecionava francês de dia. Ia à casa dos seus alunos na sua velha bicicleta, sobre a qual andava meio curvado, exibindo uma corcova promissora. À noite, observava os astros. Foi assim que o flagraram na sua solidão. Estava perscrutando os abismos do Universo quando sentiu uma espetada no cangote. Não havia dúvida, tratava-se de um tenente verde-oliva com um lindo revólver na mão.

– O senhor está se comunicando com Fidel Castro. Tragam esse aparelho e o velho. Vamos descobrir o código secreto que ele usa.

– Isto é um telescópio, senhor oficial. Estava tentando ver Marte.

– Faz sentido. Marte é o planeta vermelho e o seu sobrenome significa vermelho – disse o tenente.

Os presos estavam todos atentos, ouvindo o relato do francês.

– Levaram-me para o quartel e um major presidiu o interrogatório. Queriam saber quando e onde Fidel Castro e Che Guevara invadiriam o Amapá e quem estaria envolvido nisso. Eu não sabia de nada. Ele perdeu a paciência. Choveu pancada sobre mim e depois me trouxeram para cá.

– Sei quem é o major. É um gaúcho. Tive mais sorte. Fui interrogado por um capitão carioca. Capitão Lins. A acusação é de que estava lendo *A Mãe*, de Máximo Górkí. Percebi que o capitão já havia lido o livro e acabamos batendo papo sobre Górkí, Dostoiévski, Tolstoi... ele já leu tudo dos russos – disse Isnard Isnard.

– Comigo não teve nada tão romântico – disse Fernando Padeiro. – Simplesmente os nazistas invadiram minha padaria com a acusação de que o pão estava envenenado. Gritei: – Viva Stalin! Aí um tenentezinho atirou na minha perna.

– Quem manda ser burro! – disse Montoril.  
– Eu teria dado viva a Hitler.

– Qual foi a tua acusação? – perguntaram a Binga, um jornalista declaradamente marxista.

– Vocês sabem. Foi por causa daquele manifesto anarquista que eu publiquei na *Voz Católica* e que quase mata de raiva o padre Busato.

Declarei a independência dos Municípios Unidos do Amapá e fundei a República do Manganês. O Janary Gentil Nunes e o Augusto Antunes seriam enforcados em praça pública.

– Vamos apodrecer aqui – disse Paul Lerouge.

– Quem falou que vamos ficar aqui? Vão nos mandar para Belém, onde nos espera uma verdadeira Inquisição. Preparem os colhões. Vão querer arrancá-los – disse Montoril.

– Mas não fizemos nada! Quem não deve não teme! – disse Três Pernas.

– Eles não querem saber. Vão procurar todo tipo de besta para arrancar os bagos – disse Isnard Isnard.

– Temos de estar articulados para não nos contradizermos nos interrogatórios – interveio Montoril.

– Articulados um caralho. Não tenho nada com isso – disse Três Pernas.

– Pois vão levar tua perna do meio – disse Montoril. Todos riram, exceto o francês, que parecia deveras preocupado.

– E por que diabo te puseram aqui? – Fernando Padeiro perguntou a Três Pernas.

– O olhudo do diretor do Colégio Amapaense me perguntou se sou comunista. Disse a ele que sou o maior comunista do Colégio Amapaense. Ele mandou chamar o Exército e eis-me aqui.

– Um animal desses merece apodrecer na Fortaleza – disse Binga.

No Aeroclube, a nata da sociedade se divertia com os oficiais do Exército. Foi lá que Elenir, Miss Amapá, recebeu uma informação que a deixou gelada: Alexandre Cardoso fora preso. O amor da sua vida, líder do Grêmio Literário Rui Barbosa, pugilista, campeão amapaense de natação, dançarino exímio nos bailes da Piscina Territorial. Na noite anterior, dona Eneida sonhou com Karl Marx, que levava pela mão seu filho Alexandre e sumia na Fortaleza de São José de Macapá. Karl marx se transformava em Velho Rocha. Velho Rocha servia uma dose dupla de absinto a Alexandre, que entornou o copo, sorvendo de um só fôlego a bebida. Cheiro de erva-doce espalhou-se pela Casa Amarela. Dona Eneida ouviu a voz do filho e Alexandre pai levando-o para o Quartinho. Mais tarde foi o vigia da estação de rádio dos Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul que começou a gritar.

– Chega! Chega! Chega!

Alexandre pai armou-se de um belo fuzil americano de 18 tiros e correu para lá. Depois tudo se aquietou e da noite só se ouviu murmúrios do vento nas frondes das árvores.

Naquela manhã de domingo, Alexandre acordou sem se lembrar de nada. Apenas sentia dores no braço direito e um vácuo na memória. Deixou-se ficar, na companhia de João, no

Quartinho, lendo Ferdinando Buscapé e ouvindo Mozart. No sábado, ele e a mãe reuniram vários livros sobre marxismo e de escritores russos numa pilha no monturo e tocaram fogo. Naquela noite haveria baile no Aeroclube, para a sociedade local recepcionar os oficiais de fora que chegaram a Macapá, levados pelo vento do Golpe recém-infligido ao país. O baile ouriçou as jovens bem-nascidas. Foi um corre-corre aos salões de beleza e às costureiras. Às 22 horas o pau comeu no Aeroclube, com Glenn Miller abrindo o baile. Alexandre fora identificado e preso por um oficial paraense às 20 horas no Macapá Hotel. Estava bebendo uma Coca-Cola no balcão do bar, servida pelo barman Antônio, quando o major se aproximou e lhe deu voz de prisão. Acompanhado por um cabo e três soldados, além do major, Alexandre foi levado para as masmorras da Fortaleza. Ao chegar, encontrou vários conhecidos.

– Mais um! – disse Montoril.

– Salve, mano! Mais um para os fodidos do Golpe – disse Binga.

– Salve! – disse Alexandre, pegando no braço direito, que começara a doer de novo. – Se querem saber, fui preso enquanto bebia, há pouco, uma Coca-Cola no Macapá Hotel.

Isnard Isnard meneou a cabeça para o portão. Elenir estava esperando ao lado de um cabo para conversar a sós com Alexandre. Fazia justiça

ao título de Miss Amapá. Quando Alexandre se aproximou ela correu e o abraçou.

– Alexandre! Por que tu estás preso? O que fizeram contigo?

– Por enquanto, nada. Resta saber o que farão.

– Por quê? O que tu fizeste para ser trazido para cá, como um condenado?

– É o golpe militar, que eles estão chamando de revolução. Vão tomar conta de tudo. Os oficiais vão estuprar nossas irmãs e namoradas. Depois serão os soldados que farão isso. Vão entrar em nossas casas e deitar-se, de bota e tudo, nas camas dos nossos pais...

– Não fala assim, pelo amor de Deus! Vamos tirá-lo daqui! Vou falar com papai!

O cabo se aproximou e disse que o tempo acabara. Elenir se foi. Pouco depois chegou um oficial gaúcho. Apontou para Alexandre.

A pequena cela para onde Alexandre foi levado era úmida e não tinha teto. Dali ouvia-se, nitidamente, o som da maré. Alexandre sentou-se em um tamborete velho e o oficial ficou em pé, à sua frente, ladeado por dois cabos.

– Então és tu o líder comunista? Quando é que tu ias tomar o Palácio do Setentrião, vermelho? – e desandou um tabefe no rosto de Alexandre. Estrelas de todas as cores piscaram. – Vamos, reage! – disse o oficial gaúcho, que era muito jovem e alto. Começou a andar em torno de

Alexandre, aplicando-lhe pequenos golpes na cabeça com o cabo de um rebenque. Alexandre se mantinha calado. – Tua namorada é gostosa. Quando pegá-la vou empurrar todo o caralho nela, até os ovos. Tenho 24 centímetros... – parou defronte de Alexandre. – Me olha, russo.

Alexandre continuou de cabeça baixa. Sentiu uma pontada no braço direito e instintivamente o amparou com a outra mão. O oficial gaúcho percebeu.

– Então o guri machucou o braço, hein? – e deu uma porrada com o cabo do rebenque no braço doente. O grito de Alexandre perdeu-se nas galerias da Fortaleza.

O rio Amazonas subia vagaroso como um réptil se aproximando da presa e suas águas já lambiam as botas do oficial gaúcho. Alexandre estava com a cabeça tombada sobre o peito, sustentando, com a mão esquerda, o braço direito, que ia ficando roxo. Chorava imperceptivelmente. Novo grito ecoou na cela, misturando-se ao som da maré enchente. O oficial só dava no braço de Alexandre, deixando-o adormecido. Era como se Alexandre só tivesse um braço.

– Vamos embora. Este filho de rapariga com corno vai morrer afogado – disse o oficial.

A água do rio Amazonas estava inundando rapidamente a cela. Alexandre despertou e instintivamente levantou-se do banco. A água já estava nos seus joelhos e logo alcançou a cintura,

depois o peito, o pescoço e a cabeça. Começou a flutuar, batendo pernas. Com a mão boa agarrou-se a uma pedra saliente. À medida que a água subia, ia se segurando nas saliências da parede, até encontrar, próximo ao teto, um túnel. Com a mão boa arrastou-se para dentro dele. “Tenho de sair daqui antes que a água invada o túnel. Será que é um beco? Meu Deus, não pode ser...” – pensava. A água ia atrás dele, lambendo seus pés. O braço começou a doer terrivelmente e ele desmaiou.

A Piscina Territorial estava engalanada. A alta sociedade macapaense fizera-se representar à quermesse. Escolhia-se, naquela noite, o Professor do Ano do Colégio Amapaense. As belas jovens fizeram-se ainda mais belas. Alexandre Picanço Cardoso Filho, exímio dançarino de merengue, bolero e chá-chá-chá, deixara o salão com Elenir e a conduziu para o escuro, encostando-a ao tronco de uma árvore. Espalhava-se na noite o roçar de linho engomado, seda chinesa, fragrância de Chanel 5, o som de Os Cometas, as luzes, o céu estrelado, o murmúrio da madrugada, o sabor de cada beijo. Os lábios de Elenir eram doces como jambo. A boca, a língua, o rosto, tudo nela era como leite materno, pétalas de rosa, noites estreladas, a música de Mozart, a madrugada, carne de Miss, gemidos acamando-se na memória. A primeira vez que pegou na sua mão foi numa batalha de confete. Elenir estava vendo os mascarados, as mãos segurando a corda que